

DIDO E ENÉIAS E O MITO DE FUNDAÇÃO DE ROMA

Márcia Regina de Faria da Silva (UERJ)

RESUMO

O IV canto da *Eneida* de Virgílio narra os amores entre Dido e Enéias. O herói piedoso, responsável pela fundação de Roma, encontra-se envolvido em um romance mítico que pode retardar seu *fatum*. Os dois mitos encontram-se e fundem-se para resgatar e justificar fatos da História de Roma.

Palavras-chave: Eneida; Roma; Dido; Enéias; Virgílio

Nos primórdios, os mitos eram eminentemente religiosos. Somente depois foram gradativamente sendo dessacralizados e, conseqüentemente, perdendo seus valores religiosos e adquirindo uma conotação mais puramente literária. Vamos observar, através das narrativas míticas sobre a Fundação de Roma, especialmente pelo herói Enéias, que essa ligação mítico-religiosa é muito importante e, para tanto, é conveniente atentarmos para a dimensão histórica, social e religiosa que tinham as narrativas lendárias na Antigüidade. A lenda de Dido, por sua vez, justifica um dos mais importantes acontecimentos históricos de Roma: as Guerras Púnicas.

A formação do povo romano inicia-se com um herói chamado Enéias, em grego Αινειας, filho de Anquises e Afrodite. Se, por um lado, descende da deusa do amor, por outro, tem sua origem no próprio Zeus, como afirma Pierre Grimal: “(...) Por parte do pai, filho de Cápis, descende da raça de Dárdano e por conseguinte do próprio Zeus.”(Grimal, 1993: 135)

Viveu nas montanhas até os cinco anos, sendo confiado a Alcáto, marido de sua irmã Hipodamia, para ser educado. Na guerra de Tróia, como se pode verificar através da *Ilíada* de Homero se destaca como um grande guerreiro, sendo somente inferior a Heitor. Desde o seu nascimento predições revelam que será um rei e terá uma grande descendência. Segundo Pierre Grimal, assim Afrodite profetiza a Anquises ao se revelar a ele, após partilhar seu leito. Assim também Poseidon relembra a profecia de Afrodite ao salvar o herói na *Ilíada*. Pierre Grimal sintetiza desse modo:

(...) Assim, desde os Poemas Homéricos, Eneias surge como um herói protegido pelos deuses, aos quais obedece respeitosamente, estando-lhe reservado um destino grandioso: nele repousa o futuro da raça troiana. Todos estes elementos serão retomados por Virgílio na *Eneida* e interpretados no quadro da lenda romana. (Grimal, 1993: 135)

Desse modo, após a queda de Tróia, o herói parte com seu pai, seu filho Iulo e sua esposa Creúsa para o monte Ida onde teria construído, juntamente com os teucros dispersos, após o massacre dos gregos, uma nova cidade onde reinou, cumprindo-se, assim, a profecia de Afrodite. Porém, segundo uma lenda mais amplamente difundida, que é usada como fonte do poema vergiliano, Enéias teria permanecido por pouco tempo no Ida, partindo, em seguida, para a Hespéria, ou seja, para o Ocidente do Mediterrâneo. Passando por uma série de lugares: Trácia, Macedônia, Creta, Delos, Citera, entre outros, chegando, depois, a Cartago, onde inicia um romance com Dido. Após abandoná-la, aporta em Cumas e, finalmente, chega ao Tibre, onde acontece a guerra contra os Rútulos, relatada na *Eneida*. Vencidos os Rútulos, o herói troiano funda a cidade de Lavínio, desaparecendo, tempos depois, misteriosamente durante uma tempestade. Seu filho Ascânio fundará Alba Longa, chamada por Pierre Grimal de “a metrópole de Roma”. Séculos mais tarde, Rômulo, descendente de Enéias, fundará Roma. Pierre Grimal diz ainda que

(...) Algumas tradições obscuras falam de Eneias como o fundador de Roma; outras atribuem-lhe quatro filhos: Ascânio, Eurileonte, Rômulo e Remo, mas é evidente que a versão virgiliana se impôs a todos os escritores e que ela é a única variante sobrevivente depois do século I da nossa era. A lenda de Eneias tinha o mérito de dar a Roma títulos de nobreza, fazendo remontar a estirpe dos seus fundadores às origens dos tempos históricos, atribuindo-lhes antepassados divinos: Zeus e Afrodite. Além disso, a grandeza de Roma parecia ter sido predita pelo próprio Homero. Roma parecia realizar, no seio do seu império, a reconciliação das duas raças inimigas, os Troianos e os Gregos. (Grimal, 1993: 136)

Para prosseguir, deve-se fazer uma breve consideração em relação à diferença entre mito e lenda. O mito, segundo Mircea Eliade, relata uma histórica sagrada, pois, está relacionada ao tempo primordial, ou seja, aconteceu no tempo dos princípios, no qual os Entes Sobrenaturais fizeram com que algo de importante e duradouro passasse a existir, seja o Cosmo como um todo, ou um comportamento, uma ilha, a função medicinal de uma planta, etc.. Vê-se, portanto, que o mito está diretamente ligado à criação, porque mostra como

alguma coisa foi feita e passou a existir. Neste sentido o mito fala de uma realidade. Nos dizeres do citado autor: “o mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma “história verdadeira”, porque sempre se refere a *realidades*.” (Eliade, 1972: 12)

Pari passu aos mitos, encontram-se as lendas, segundo Pierre Grimal na Introdução de seu *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Estas narram acontecimentos ligados a heróis, não a divindades, que não alteram a condição humana. Também Mircea Eliade diferencia o mito do que ele chama de contos ou fábulas. Diz ele:

(...) Embora os protagonistas dos mitos sejam geralmente Deuses e Entes Sobrenaturais, enquanto os dos contos são heróis ou animais miraculosos, todos esses personagens têm uma característica em comum: eles não pertencem ao mundo cotidiano(...). Tudo o que é narrado nos mitos concerne diretamente a eles, ao passo que os contos e as fábulas se referem a acontecimentos que, embora tendo ocasionado mudanças no Mundo (...), não modificaram a condição humana com tal. (Eliade, 1972: 15)

Vê-se que a história de Enéias não se constitui mito, pois não está ligada diretamente à criação, e sim lenda, já que fala sobre a constituição do povo romano.

Chegou-se aqui a um ponto muito importante: a relação entre a lenda e a história. Nota-se que para os antigos romanos a fronteira entre uma e outra é muito tênue e por vezes nem existe. A lenda de Enéias é precisamente lenda, porque nos primórdios acreditou-se que esses acontecimentos foram verdadeiros, ou seja, históricos. Segundo Paul Harvey, “Timaios parece ter sido o primeiro autor a fazer de Enéias o criador remoto do futuro Estado romano.” (Harvey, 1987: 189)

Névio escreveu um poema épico em versos saturninos sobre a guerra contra Cartago, intitulado *Bellum Punicum* ou *Poenicum*, do qual restaram apenas fragmentos. Neste poema, acredita-se que ele tenha relatado a lenda de Enéias e as origens do povo romano:

(...) Que a lenda de Eneias estava compreendida no poema de Névio, é demonstrado sobretudo pelo testemunho de Sêrvio e pelo facto de um fragmento conservado soar assim: “com garbo e com habilidade pergunta a Eneias de que modo deixou a cidade de Tróia”. Alguns supõem que a pergunta é dirigida a Eneias pelo rei dos aborígenes, no Lácio; contudo, a maioria, mediante a comparação com a Eneida, supôs que a pergunta era dirigida ao herói pela fundadora de Cartago(...). (Paratore, 1983: 33)

Acredita-se, com isso, que Névio tenha sido a principal fonte literária de Vergílio ao compor a *Eneida*. Mas, não é só na literatura que Enéias aparece como aquele do qual descenderão os romanos. O primeiro analista romano, Q. Fábio Pictor, cuja obra se perdeu, abrirá caminho para a historiografia em Roma. Ele escreveu em grego *Annales*, relatando desde a ida de Enéias para o Lácio até o III século a.C., época em que esse autor viveu. Esta obra, juntamente com a de Névio, constitui as primeiras fontes a respeito da presença de Enéias no Lácio. Paratore afirma que “Em ambiente romano, a obra de Fábio Pictor gozou, durante muito tempo, duma discreta autoridade: serviram-se dela quer Virgílio, quer Lívio.” (Paratore, 1983: 64)

Ênio também propagou a lenda da fundação de Roma a partir dos troianos, tendo como chefe Enéias, em seu poema épico, já em hexâmetros datílicos, *Annales*. Foi considerado pelos romanos, por muito tempo o poeta nacional, mas infelizmente muito pouco restou de sua obra. Contudo, pelos fragmentos, sabe-se que ele começa como Névio pela lenda de Enéias, pois apresenta Rômulo como filho de Marte e Ília, filha de Enéias.

Outro historiador, já no século II a.C., Catão, nas *Origines*, narra sobre as origens de Roma, já em latim, fundando a prosa historiográfica latina.

Portanto, desde os primórdios da literatura e da historiografia latinas, história e lenda, em relação à Fundação de Roma pelos descendentes de Enéias, não podem se separar. E, de fato, nota-se que é exatamente por isso que as histórias de Enéias podem ser consideradas lendas.

Vergílio escreveu a *Eneida* no auge do Principado de Augusto (século I a.C.), após as guerras civis, quando reinava a *Pax Romana* e os poetas dedicavam-se ao *otium* contemplativo, uma vida longe de inquietudes e dos *negotia*. Segundo Jean Bayet, este momento romano propicia uma literatura abundante, sem inquietudes sociais nem políticas, mas renovada em sua expressão, e submissa às formas da moda. Assim, o helenismo não está mais restrito aos jovens, mas os seus refinamentos e delicadezas são naturais a toda sociedade culta, surgindo a tendência de combinar a arte dos alexandrinos com a dos mestres mais antigos.

Era, portanto, o momento de nascer uma grande epopéia nacional, que cantasse os feitos gloriosos dos romanos e que, ao mesmo tempo, corroborasse com a política augustana de retorno do homem ao campo e de resgate de antigos valores romanos, religiosos e morais. Nasce, então, a *Eneida*. Vergílio, na realidade, compartilhava dos ideais de Augusto, como nos diz Ettore Bignone:

E Augusto não teve melhor intérprete que Virgílio: nenhum poeta expressou com maior sinceridade aquele ideal de Augusto de retorno a uma nova vida religiosa, de restauração do trabalho dos campos, de exaltação da antiga fecundidade itálica, de fé e orgulho na eternidade de Roma, atestada na tradição antiga e confirmada nas esperanças recentes. (Bignone, 1952: 196)

Por isso, foi considerado o poeta maior das glórias romanas, já que em seus poemas retrata o povo romano e todo seu ideal de *uir-tus*, *pietas* e *humanitas*. As três virtudes que dão identidade aos romanos, diferenciando-os dos outros povos da Antigüidade.

O herói Enéias é conhecido, especialmente, pela sua *pietas*, palavra muitas vezes erroneamente traduzida por piedade, nada tem em comum com nosso conceito cristão. A *pietas* para os romanos consistia na obediência irrestrita aos deuses ou aos superiores, pais, governantes, etc., ainda que para isso fosse necessário abdicar de algo que desse prazer e alegria. O herói da *Eneida* é apresentado com o adjetivo *pius*, proveniente de *pietas*, desde tempos remotos. A devoção filial de Enéias já era conhecida no século V a.C. e, depois, ficou famosa com a descoberta, entre os etruscos, de 70 vasos, pintados com a saga do herói, e da estatueta de Veios, em que carregava o pai às costas, datados do século IV ou III a.C.

Em diversos momentos da narrativa épica, Enéias demonstra ser guiado pela *pietas*. Mostrando-se um homem de missão, ele não realiza ambições, apenas cumpre seu dever. E, por isso, abandona Dido, rainha de Cartago. Apesar de estar apaixonado por ela, não pode ficar em Cartago, tornando-se rei, e deixar de cumprir sua missão, fundar a descendência romana.

Dido, cujo nome tírio era Elissa, segundo a lenda em sua forma mais antiga que relata a migração fenícia para o norte da África, era filha de Muto, rei de Tiro, que tinha também um filho chamado Pigmalião. Consoante Pirre Grimal, quando Muto morreu, o povo clamou Pigmalião rei, mesmo sendo muito jovem. Dido casou-se

com seu tio Sicarbas, sacerdote de Hércules. Com medo de perder o trono para o cunhado, que figurava em importância apenas abaixo dele próprio, e interessado em suas riquezas, Pigmalião mandou assassinar Sicarbas.

Dido foge, estupefata com o crime cometido pelo irmão, levando consigo muitos nobres tírios, que não estavam contentes com Pigmalião, e os tesouros de seu esposo. Para despistar o rei, pois sabia que iria ser perseguida, mandou que fossem jogados sacos de areia ao mar, dizendo que eram as riquezas que estavam sendo oferecidas à alma de seu marido. Antes de chegarem ao norte da África, pararam na ilha de Chipre, na qual os tírios raptaram oitenta moças consagradas à deusa Vênus para se casarem e, aí também, se uniu ao grupo um sacerdote de Júpiter, impelido pelo deus. Pierre Grimal nos conta como foi a chegada dos fenícios à África e a fundação de Cartago:

(...) Em seguida, os emigrantes rumaram a África, onde foram bem recebidos pelos indígenas. Estes permitiram a Dido, que lhes pedia uma terra para se estabelecer, que tomasse “tanta quanto pudesse conter-se em uma pele de boi”. Dido cortou uma pele de boi em tiras muito finas e obteve assim um fio comprido com que circundou um território bastante vasto. Os indígenas, obrigados a respeitar a promessa feita, concederam-lhe a terra dessa forma delimitada. Em breve os habitantes de Útica enviaram presentes aos recém-chegados e os encorajaram a fundar uma cidade. No primeiro local escolhido, quando cavavam, encontraram uma cabeça de boi, o que pareceu mau agouro. Mudaram, pois, de localização e, ao escavarem, encontraram uma cabeça de cavalo, o que foi interpretado como um magnífico sinal do valor guerreiro da futura cidade. (Grimal, 1993: 119)

Como a cidade crescia, Jarbas, rei de uma população vizinha, pediu a mão da rainha Dido em casamento, ameaçando destruir a cidade, se não tivesse seu pedido aceito. A rainha, não podendo recusar, pede-lhe três meses para que pudesse, através de sacrifícios, apaziguar a alma de seu primeiro marido. Quando os três meses se findaram, não tendo como solucionar o dilema, Dido mandou erguer uma pira e suicidou-se.

A versão virgiliana se sobrepôs às outras versões. Com isso, vemos que Dido se suicida por causa do abandono de Enéias. Com esse suicídio observamos dois fatores importantes. O primeiro é que o herói demonstra toda sua *pietas* ao abdicar de seu amor para cum-

prir sua missão. O segundo é que, ao se suicidar, Dido invoca um vingador contra os troianos. Essa será o motivo mítico das Guerras Púnicas, especialmente da segunda, quando o cartaginês Aníbal quase consegue derrotar os romanos na própria Itália. Aparecendo como o vingador de Dido e sendo derrotado com muita dificuldade.

Outra virtude romana sintetizada pelo herói é a *uirtus*, que apresenta a valentia e a coragem como qualidade de caráter, algo proveniente do interior do herói, que deve mostrar-se honesto, reto e conveniente. Isso é demonstrado de várias formas por Enéias ao longo da narrativa.

O terceiro pilar das virtudes romanas é a *humanitas*, que representa a natureza e os sentimentos dos homens e traz a civilidade. É a capacidade do herói de se saber inserido na humanidade, sofrendo com os males dos outros. É a *humanitas* que faz com que Enéias quase perdoe Turno, seu inimigo e rival pela mão de Lavínia e pelo trono dos Latinos, que geraria a raça latina. Porém, é justamente a *pietas* que o faz desfechar o golpe fatal.

Os três valores romanos apresentam-se bem caracterizados no herói no canto V da *Eneida*, que narra os jogos fúnebres em honra de Anquises, pai de Enéias, morto um ano antes. Neste canto, sempre prevalece a dignidade do herói. Não se sobrepõe nas atitudes dos heróis a busca pela *areté* guerreira, ou seja, a glória guerreira acima de tudo e de todos, conquistada de forma individual, como acontecia em Homero, mas a base heróica aqui é a *uirtus*, que busca a glória que servirá para o bem-estar coletivo. O herói é membro de uma comunidade que deve ser honrada e preservada. Por isso, Enéias, quando vê que os ânimos se exaltam, interrompe as disputas e conclama ao *bonus animus* e à *pietas*:

Então, o patriarca Enéias não permitiu que a ira fosse mais longe e que Entelo entregasse o coração a um furor perverso, mas pôs fim ao combate e, tendo salvo o exausto Dares, consolou-o com estas palavras: “Desventurado! Que acesso de loucura apoderou-se de teu espírito? Não percebes que as forças são outras e a vontade dos deuses mudou? Cede a um deus.” (Virgílio, p. 86)

Essa personificação, em Enéias, de dois grandes valores morais romanos - a *uirtus* e a *pietas* - fará com que ele consiga, apesar de todos os percalços, realizar seu *fatum*, mesmo que tenha que abdicar de coisas que realmente fariam felizes os companheiros cansados

de uma extenuante viagem, como as mulheres que, incitadas por Juno, interrompem os jogos, incendiando os navios para que Enéias não possa mais partir e funde ali uma nova cidade.

Enéias mostra toda sua fragilidade de ser humano, invocando o pai dos deuses e questionando seu *fatum*:

Júpiter onipotente, se não detestas até o último troiano, se tua velha piedade ainda olha as provocações humanas, livra, agora, a frota das chamas, ó Pai, e livra da destruição os parcos recursos dos treucos! Ou, então, para completar, lança sobre mim teu raio, se o mereço, e esmaga-me com a tua destra. (Virgílio, p. 90)

O herói é ajudado por Júpiter que manda uma grande chuva e apaga o fogo dos navios e repleto de *humanitas*, um forte sentimento de humanidade que o faz sofrer juntamente com aqueles que sofrem, decide deixar quem se cansou da viagem com Acestes, na Sicília.

Percebemos, portanto, que o herói escolhido por Vergílio como representante do povo romano, sintetiza todos os valores que os romanos enalteciam na alma itálica e latina e, principalmente, representa o principal romano desse momento: Augusto.

Em nenhum momento, como se deve em uma epopéia, narra-se sobre o presente, mas na *Eneida*, notamos que o presente se manifesta na figura de Enéias como representação de Augusto. Além disso, ela difere das epopéias homéricas, pois não pretende mostrar simplesmente um passado grandioso, para um presente não mais grandioso, mas, ao contrário, demonstra que o passado grandioso justifica o presente ainda mais grandioso.

Percebe-se, com tudo isso, que Vergílio conseguiu delinear a identidade do povo romano e justificar fatos históricos, a partir dos mitos e lendas da Fundação de Roma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAYET, Jean. *Literatura latina*. Barcelona: Editorial Ariel, 1985.

BIGNONE, Ettore. *Historia de la literatura latina*. Trad. Gregorio Halperín. Buenos Aires: Editorial Losada, 1952.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GRIMAL, Pierre. *Virgílio ou o segundo nascimento de Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

———. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Trad. Vitor Jabouille. 2ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de literatura clássica: grega e latina*. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

HOMERO. *A Ilíada*. Trad. Fernando C. de Araújo Gomes. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s.d.]

PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*. II volume - cultura romana. 2ª. ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.]